

## As páginas de uma memória

No livro “1984”, escrito por George Orwell, uma realidade distópica da Inglaterra é apresentada. Nesse cenário fictício, um governo totalitário comandado pelo chamado Grande Irmão opõe a população por meio de instituições estatais como a Polícia das Ideias, controlando a expressão e o comportamento das pessoas. Assim como na narrativa, o contexto dos Estados autoritários é de extrema violência e alienação. Tal *modus operandi* só se torna efetivo devido à criação de uma falsa sensação de liberdade na sociedade, reduzindo, aos poucos, o poder dos cidadãos no que tange à sua fala e à sua locomoção.

Coreia do Norte ou Camarões? O governo de Pinochet ou o de Luís XVI? Toda opressão se baseia no falso poder vindo do povo que sustenta esses regimes. Para que a insubordinação não predomine, a população é alimentada com um pseudo-sentimento de segurança e autonomia. Tal unidade advém de discursos ufanistas estatais, os quais suprimem o arbítrio dos cidadãos quanto à sua fala, principalmente. Essas situações, podem ser comparadas a um jardim muito bonito, onde o nacionalismo perdura, mas que é completamente cercado por altos muros, os quais impedem os moradores de ver o que realmente é a beleza da liberdade. Quando a distorção desse senso de soberania sobre a própria vontade acaba, a nação se revolta: em 1989, durante a queda do Muro de Berlim, a Alemanha oriental, percebendo a disparidade social em relação à sua vizinha, a Ocidental, iniciou o processo de reinício da democracia.

Além disso, o autoritarismo não só mascara o poder de fala do indivíduo, mas também limita a sua capacidade de se locomover livremente. Tal forma de opressão contraria o modelo de existência imposto pela natureza aos *homo sapiens* - seres inicialmente nômades e autônomos. Segundo Charles Darwin, a seleção natural, fez com que os humanos fossem um espécime de sucesso apenas dessa maneira. Logo, quando a liberdade de ir e vir dos humanos -algo inerente a eles- é desrespeitada, o instinto de sobrevivência do homem é acionado: a

população se junta para derrubar o totalitarismo e garantir o êxito da espécie. Governos totalitários criam na sociedade a falsa ideia ultranacionalista de que o país é um local de felicidade e autonomia. Tal ilusão imposta ao povo é proposta em “O Conto de Aia” - o qual retrata uma ditadura religiosa nos Estados Unidos-, já que a própria autora descreve a situação dos personagens oprimidos como ratos que tinham a permissão de circular dentro de um labirinto desde que não saíssem dele.

Portanto, a lembrança de um período de aprisionamento e silenciamento comanda a história de nações que já vivenciaram o autoritarismo. Sob o comando de um tirano, a população escreve, nas páginas de um livro secreto, a experiência traumática de opressão, de censura e de saudade de um passado livre. Posteriormente, a mesma obra que sigilosamente desprezava a ditadura, agora, se torna um volume aberto e eterno, lecionando às futuras gerações a importância de exercer o direito de se expressar e de se locomover em liberdade.